



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS BACHARELADO

Emanuelle Cristina Dall Asta

**O Tradutor/Intérprete de Libras e a Cultura:
a Importância da Imersão na Cultura Surda**

Santa Rosa/RS

2018

Emanuelle Cristina Dall Asta

O Tradutor/Intérprete de Libras e a Cultura: a Importância da Imersão na Cultura Surda

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professor Orientador: Prof. Me. Alexandre Bet da Rosa Cardoso

Santa Rosa/RS

2018

***“Melhor é o fim das coisas
do que o princípio delas”.***

(Bíblia Sagrada, Eclesiastes
de Salomão, capítulo 7,
versículo 8)

AGRADECIMENTOS

Aos mestres que participaram de minha formação acadêmica, especialmente ao professor Alexandre Bet da Rosa Cardoso que, com paciência, sempre me incentivou a pesquisar de forma acadêmica. Também à dona Salete, que sempre acreditou em meus sonhos e me ajudou a extrair o melhor de mim enquanto profissional.

RESUMO

O presente trabalho questiona sobre a importância do tradutor/intérprete de línguas de sinais imergir na cultura do seu público-alvo, ou seja, a comunidade surda. Através da revisão bibliográfica, a relação entre tradução e cultura é estabelecida, bem como são expostos os principais processos que se estabelecem na tradução/interpretação. Analisa-se o ofício de tradutor/intérprete e a estruturação de uma equipe de tradutores surdos. Assim, fica reforçada a ideia de que esta imersão cultural é, não apenas importante, mas necessária para o conhecimento preciso da língua, dos seus significados, da história e dos sujeitos a quem se pretende comunicar. Além disso, a fluência no ofício é percebida através das produções dos sinais de forma espaço-visual produzidas pelo corpo do sinalizante que faz parte do processo tradutório e que é visível no produto final da tradução/interpretação.

Palavras-chave: Surdos; Tradução; Tradutor; Cultura; Corpo.

ABSTRACT

El presente trabajo cuestiona la importancia del traductor/intérprete de lenguas de signos para sumergirse en la cultura de su público: la comunidad sorda. A través de la revisión bibliográfica, la relación entre traducción y cultura se establece, así como se exponen los principales procesos utilizados en la traducción/interpretación. Se analiza el oficio de traductor/intérprete y la estructuración de un equipo de traductores sordos. Así, se ve reforzada la idea de que esta inmersión cultural es, no sólo importante, sino necesaria para el conocimiento preciso de la lengua, de sus significados, de la historia y de los sujetos a quienes pretende comunicarse. Además, la fluencia en el oficio es percibida a través de las producciones de los signos de forma espacio visual por el cuerpo del señalizador que forma parte del proceso traductor y que es visible en el producto final de la traducción/interpretación.

Keywords: Sordos; traducción; traductor; cultura; cuerpo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. UM POUCO DE HISTÓRIA	11
1.1 Escola Pública de Paris e Congresso de Milão.....	11
1.2 Brasil.....	12
2. TRADUÇÃO, TRADUTOR E CULTURA	13
2.1 Cultura	13
2.2 O Papel da Tradução para o Registro de uma Cultura	16
2.3 O Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais e a Cultura	16
2.4 Atitude do Tradutor Diante do “Outro”.....	18
2.5 O Corpo e a Capacidade de Interpretar	19
2.6 Diferenças no Trabalho de Tradutor e Intérprete	20
2.7 O Processo Tradutório.....	20
2.8 Conhecimento Prévio do Tradutor	22
2.9 Processos na Tradução.....	23
2.9.1 Transcodificação.....	23
2.9.2 Desverbalização.....	23
2.9.3 Reverbalização.....	24
3. EQUIPE DE TRADUTORES SURDOS NA UFSC	25
3.1 Requisitos para a Escolha dos Tradutores.....	25
3.2 As Pesquisas e Escolhas dos Sinais.....	26
3.3 Metodologia das Traduções.....	26
3.3.1 DVDs.....	26
3.3.2 Escrita de Sinais	27
3.3.3 Provas.....	27
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	27

4.1 Abordagem, Procedimento e Objetivo da Pesquisa	27
4.2 Corpus e Procedimentos de Análise	28
5. ANÁLISE DE DADOS.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	34
GLOSSÁRIO	36
Anexo 1 - Tabela de Citações Extraídas dos Artigos Pesquisados.....	37

INTRODUÇÃO

A fim de alcançar o propósito desta pesquisa, a investigação teórica partiu de uma reflexão acerca da atividade durante o Estágio de Tradução, do último nível do Curso de Bacharelado em Letras Libras. Tal reflexão deu-se em virtude da acadêmica produzir um texto traduzido da Língua Portuguesa escrita para a Língua Brasileira de Sinais, doravante LIBRAS, que não é sua língua materna (ou seja, a Libras não é a língua de instrução da acadêmica, mas sim a segunda língua).

O presente trabalho tem por objetivo analisar textos que investigam o processo de formação e atuação do tradutor/intérprete, bem como a análise de um trabalho que registrou a formação e estruturação de uma equipe de tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Veremos como acontece a seleção de tradutores, a pesquisa, escolha dos sinais a serem utilizados, a organização, a metodologia de trabalho e os pontos importantes na prática do tradutor/intérprete de língua de sinais.

Como problemática da pesquisa, levantou-se a questão da importância do profissional da tradução para as línguas de sinais ter um bom conhecimento acerca da cultura do público-alvo ao qual se destina as traduções, ou seja, à comunidade surda. Seria essencial tal imersão ou apenas o conhecimento de Libras é suficiente? Secundariamente, analisou-se a relação do corpo do tradutor/intérprete em sua atuação. A escolha do tema foi, inicialmente, motivada pela experiência de quase uma década no trabalho de tradução junto à comunidade surda de Passo Fundo/RS, interpretando tanto na área comunitária, quanto nas séries finais da Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio, e também na Universidade de Passo Fundo, na graduação e na Especialização-Mestrado.

Optou-se pela pesquisa bibliográfica de obras que tratam das questões sobre tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais e pesquisas sobre tradução e interpretação conforme a perspectiva teórica de Quadros e Pagura (Quadros, 2014, 2006, 2007, 2008; Robinson, 1997 e Pagura, 2003).

O trabalho foi organizado em seis capítulos. O capítulo inicial conta um pouco da História das línguas de sinais, com sua adoção pelo ensino público em Paris, sua proibição a partir de 1880 por quase cem anos e sobre o primeiro espaço formal de ensino de tradução e interpretação para as línguas de sinais em nosso país. O segundo capítulo é intitulado “Tradução, Tradutor e Cultura” e apresenta uma análise bibliográfica sobre esses temas. Já o

terceiro capítulo, analisa a estruturação e o trabalho de uma equipe de tradutores surdos, montada dentro da Universidade Federal de Santa Catarina. Através desta pesquisa, foi possível perceber importantes fatores sobre a prática do processo tradutório e da própria formação do tradutor/intérprete. O capítulo quatro apresenta a pesquisa em si, da forma como foi concebida e conduzida pela acadêmica. O quinto apresenta uma rápida análise de dados, que é complementada com tabelas. E, por fim, as considerações finais concluem de que forma percebemos as respostas para as questões levantadas no início desta proposta de trabalho e como os textos analisados conduziram a acadêmica pela enriquecedora experiência de uma pesquisa científica. Vale lembrar que um Glossário foi adicionado logo após as Referências, a fim de explicar os termos utilizados e que, porventura, não estejam claros quanto ao uso dentro da teoria aqui apresentada.

1 UM POUCO DE HISTÓRIA

1.1 Escola Pública de Paris e Congresso de Milão

Historicamente, a língua de sinais dos surdos foi reconhecida na metade do século XVIII, segundo Silva (2006, p. 16), a partir da criação da primeira escola pública para surdos em Paris. Desde então, o abade L'Epée analisou os sinais que os surdos produziam e reconheceu que havia uma estrutura de língua nos sinais utilizados por eles, cumprindo uma comunicação efetiva.

A partir do reconhecimento das línguas de sinais como tendo uma estrutura e sendo aceita em um espaço de educação formal, houve a aceitação da língua de sinais tendo o mesmo status das línguas orais. Com o passar do tempo os surdos tiveram acesso ao processo de escolarização, que visava à formação acadêmica e profissional dos alunos. Os surdos que se formavam na escola tornavam-se professores e profissionais de diversas áreas.

Além do reconhecimento da língua de sinais no processo pedagógico, a Escola Pública para Surdos em Paris tinha como eixo orientador a formação profissional, cujo resultado era traduzido na formação de professores surdos para as comunidades surdas e a formação de profissionais em escultura, pintura, teatro e artes de ofício, como litografia, jardinagem, marcenaria e artes gráficas. (SILVA, 2006, p. 24).

As experiências e interações dos surdos são percebidas pelos olhos, a arquitetura do pensamento é desenhada no espaço a partir de imagens. Com isso, os surdos realizam suas produções a partir de sua leitura visual de mundo.

Silva (2006) apresenta um pouco da história relativa ao Congresso de Milão, que aconteceu entre os dias seis e onze de setembro de 1880 e foi uma conferência internacional de educadores de surdos. Naquela época, a sociedade em geral adotava uma visão mecanicista de mundo, a partir das ideias que vinham da própria Ciência praticada. Via-se o homem como um “sujeito-máquina”. Assim, nesse congresso, aconteceu uma votação para verificar que tipo de educação deveria ser dada aos surdos: gestual (como a experiência de Paris) ou oralista (utilizando línguas orais como forma de comunicação), tendo vencido a oralista. “Nesse sentido, a educação de surdos a partir de sua experiência visual, gradativamente, com a consolidação da ciência mecanicista, vai perdendo seu valor”. (SILVA, 2006, p. 33).

O Congresso de Milão acaba vetando aos surdos o uso da língua de sinais nas escolas. “A discussão foi extremamente agitada e, por ampla maioria, o Congresso declarou que o método oral, na educação de surdos, deveria ser preferido em relação ao gestual, pois as palavras eram, para os ouvintes, indubitavelmente superiores aos gestos”. (SILVA, 2006, p. 33). Quando o sujeito é proibido de falar em sua própria língua ele está sendo desrespeitado em seu direito de atuar sobre o mundo com liberdade e dignidade.

A concepção oralista para a educação de surdos tinha como objetivo “consertar o sujeito”. Toda a metodologia de atendimento aos surdos foi modificada. Os ensinamentos e o processo de aprendizagem de artes e de ofícios foram abandonados a partir de 1880.

O texto de Silva (2006, p. 26) não faz menção à atuação de tradutores ou intérpretes de línguas orais ou de línguas de sinais, durante o Congresso de Milão, no qual compareceram 182 pessoas. Entre estes, representantes de diversos países na sua ampla maioria ouvintes e, em minoria, alguns surdos.

O povo surdo passou por um período em que foi privado de sua língua. Por ter uma relevância entre as comunidades surdas, as línguas de sinais foram conservadas pelos surdos, apesar da proibição de seu “uso oficial” durante aproximadamente cem anos, a partir do Congresso de Milão.

1.2 Brasil

No Brasil, o primeiro espaço formal de ensino de tradução e interpretação para as línguas de sinais aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC):

O Curso de Letras Libras, Licenciatura e Bacharelado tornou a Universidade Federal de Santa Catarina em um centro de referência na área de Libras, pois criou o primeiro Curso de Letras Libras do país e tem formado pesquisadores nas áreas da Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, dos Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, com pesquisas específicas envolvendo a Libras e a educação de surdos. (Quadros, 2014, p.11).

O curso realizado pela UFSC foi o precursor e muitos são os profissionais que têm se formado a partir de então. O curso também serve como modelo para as demais instituições de ensino superior, para a formação de tradutores e intérpretes de LIBRAS.

2. TRADUÇÃO, TRADUTOR E CULTURA.

2.1 Cultura

A cultura de um povo está enraizada em sua forma de pensar, em suas intenções, suas inquietações, sua maneira de ver o mundo. É constituída a partir de suas demandas, da repetição das ações, dos discursos que se tornam paradigmas e são adotados pelos demais membros do grupo, pois, pela convivência e pelas interações, os conceitos e atitudes são assimilados pelos participantes do grupo. Uma cultura é percebida quando comparada com as outras. O que distingue um povo de outro está ligado aos seus aspectos culturais e entre estes aspectos, está à língua.

No prefácio do livro *Estudos Surdos I*, as autoras Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (2006) trazem à baila o tema sobre ser surdo, sobre aceitar-se enquanto surdos que utilizam a língua de sinais, surdos que têm orgulho de serem surdos e que se movimentam para ocupar os espaços nas diferentes esferas da sociedade, tais como nas artes, na mídia, na educação, na política e na luta pela garantia de direitos. Surdos que pertencem a uma comunidade linguística que se alicerça sobre as suas lutas e militâncias. Que através de seus artefatos culturais escrevem a sua história. Não aquela que lhe é imposta, mas a História de um povo com cultura, com identidade, com alteridade e que sabe aonde quer chegar. Um grupo cultural que vence desafios e pode mostrar suas vitórias aos outros grupos, como um modelo para alcançar seus objetivos. Dentre os artefatos culturais da comunidade surda, Perlin (2014, p.12) apresenta: “nossos líderes surdos, a língua de sinais, a escrita de sinais, história, pedagogia, didática, literatura, artes, etc”.

Os surdos são criadores de cultura a partir de sua história, de suas demandas, lutas e conquistas e de seu auto reconhecimento enquanto sujeitos de direito. As lutas sociais acontecem para a defesa dos direitos. Quando a comunidade surda tem consciência do direito ao acesso à educação em sua própria língua, adquirido através de mobilizações sociais, ela passa a exigir esse direito. As lutas dos surdos são marcos históricos que fortalecem suas ações e trazem empoderamento ao grupo.

No livro *Estudos Surdos I*, Quadros (2006, p.10) introduz o trabalho de Silva que apresenta o Congresso de Milão, em que houve uma tentativa de romper com a construção

cultural dos surdos. A proibição dos surdos utilizarem a sua língua natural provocou uma ruptura de um modelo cultural. Este modelo vinha sendo construído nos espaços em que os surdos tinham acesso aos conhecimentos dos bens culturais construídos pelas civilizações no decorrer dos séculos. Contudo, como a língua natural não foi totalmente abandonada, a construção de cultura continuou acontecendo, por parte das comunidades surdas. Nesse contexto, os surdos resistiram à tentativa dos ouvintes de exercer uma dominação hegemônica; não aceitando, assim, adotar a cultura dos ouvintes (QUADROS, 2006, p.15).

Sobre aspectos culturais da comunidade surda, podem-se destacar os encontros que os surdos têm entre seus pares. Geralmente, eles polarizam seus encontros em espaços que podem ser pontos das cidades, tais como shoppings, ou estações de trem, parques, conforme os surdos vão se organizando, eles podem fundar associações e espaços próprios deles. No livro *Estudos surdos II*, Quadros e Perlin (2007, p.253) entrevistam uma ouvinte, filha de pais surdos, que relata o período que passava de férias com os pais, na colônia de férias na praia, espaço em que até surdos de outros países se encontram. A partir da entrada dos surdos nos espaços de educação, tais como escolas e faculdades, esses locais tornam-se espaços de produção e disseminação de cultura. Machado, no livro *Estudos Surdos I*, apresenta a imersão da criança surda na cultura, através do contato com o professor surdo, como uma ferramenta para a aquisição e fortalecimento da identidade surda (QUADROS, 2006, p.65).

Quando os surdos têm oportunidade de participar de espaços que possam se encontrar com seus pares, eles terão ressaltadas suas potencialidades, poderão expressar-se em sua língua natural, entendendo o porquê de suas ações frente ao mundo que os rodeia. Isso porque conviverão com outros surdos que podem ensiná-los sobre como os surdos vivem, como percebem o mundo, como recebem as vibrações em seus corpos, como apreendem o mundo através da visão. Eles se apropriam de uma identidade convivendo com seus pares, se reconhecem enquanto surdos, lutam pelos mesmos objetivos, se fortalecem enquanto grupo e constroem cultura. Com isso, podem tornar-se pessoas cultas e não são mais pessoas sem conhecimento, tornam-se cultas em relação aos conhecimentos científicos e, também, produtoras de cultura.

No livro *Estudos Surdos I*, Ronice e Rachel analisam a produção cultural de dois surdos de nacionalidades diferentes, que expressam fragmentos das culturas de seus países. As produções artísticas, tais como as traduções de poesia, são recursos para o empoderamento do povo surdo. As autoras apresentam a língua de sinais, o estabelecimento dos olhares e a

estética espacial celebrando-os como elementos da cultura surda (QUADROS; SOTTUNSPENSE, 2005, p.11). As autoras citam Rutherford, que apresenta o folclore como o espelho da cultura. Ronice e Rachel apresentam o conceito de “folclore como o conjunto cultural de conhecimentos transmitidos de forma oral, ou visualmente” (Rutherford, apud QUADROS, 1993 p. 113).

Assim como as culturas são percebidas quando comparadas com outras, é importante que haja o reconhecimento das culturas, o respeito pela cultura de um povo, pois quando se respeita esta cultura respeita-se este povo. Contudo, para que haja o respeito, é imprescindível que conheça a cultura. Assim, para que o tradutor intérprete faça um bom trabalho, que seja aceito pela comunidade surda, torna-se necessário o conhecimento desta cultura e desta história. É preciso conhecer surdos para falar sobre eles; conhecer a sua língua para discutir sobre eles. Os que não conhecem, provavelmente não alcançam essa perspectiva. (QUADROS; MASSUTI, 2007, p. 260).

Candau afirma que, a partir das lutas e conquistas os grupos vão construindo sua identidade cultural:

[...] ele vincula-se ao resgate dos processos de construção das identidades culturais, tanto no nível pessoal como coletivo. Um elemento fundamental nessa perspectiva são as histórias de vida e da construção de diferentes comunidades socioculturais. É muito importante esse resgate das histórias de vida, tanto pessoais quanto coletivas, e que elas possam ser contadas, narradas, reconhecidas, valorizadas como parte de processo educacional. (CANDAU, p. 53, 2008).

Quando a autora fala sobre a importância do resgate das histórias de vida no caso das línguas de sinais, a alternativa para que haja o registro dessa história é através de vídeos. Tais registros são estratégias para difusão da cultura. No processo de registrar a história da vida dos surdos em língua de sinais, o tradutor é parte importante. Muitos surdos têm produzido autobiografias e com isso difundem sua cultura e as vivências e vários surdos de alguma forma se identificam com essas histórias. Os tradutores das histórias precisam ser fluentes nas línguas de sinais para que haja uma boa atuação e precisam se identificar com as culturas envolvidas no texto.

Por fim, o trabalho do tradutor intérprete demanda que sua imagem seja vista durante a tradução, pois a mesma é filmada ou fica em evidência. Como a comunidade surda reconhece os profissionais que têm um bom trânsito em seu meio, bem como aqueles que desconhecem a

comunidade ou não prestam respeito à comunidade e à cultura dos surdos, são os próprios surdos que fazem as escolhas dos profissionais que serão bem aceitos e dos que não serão e, assim, a aceitação dos seus trabalhos fica totalmente vinculada a essa inserção do profissional na comunidade e na cultura.

2.2 O Papel da Tradução para o Registro de uma Cultura

Assim como a tradução impactou a sociedade dos séculos XV ao XVIII as traduções das línguas de sinais são a garantia do registro das produções das comunidades surdas que utilizam as línguas de sinais, ou seja, a tradução pode difundir e fortalecer a cultura do povo surdo.

Além de difundir a cultura e a língua, a tradução pode aproximar surdos que não habitam o mesmo espaço geográfico, oportunizando o fortalecimento das línguas e o reconhecimento de uma comunidade e de um povo, diante de outras comunidades e povos. Mediante o processo de tradução em língua de sinais, ocorre o registro e salvamento dos textos em vídeo. Assim sendo, os traços culturais do povo podem ser conhecidos tanto pelos contemporâneos, surdos e não surdos, quanto pelos povos que terão acesso a essa tradução, futuramente, nos mais diversos lugares.

Quando o tradutor das línguas de sinais passa a atuar em frente à câmera, sua produção pode ser assemelhada à produção da imprensa de Gutemberg, no século XV. As traduções ficam registradas, assim como passaram a ficar os textos gravados, a partir da imprensa.

2.3 O Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais e a Cultura

Quadros e Massutti (2007, p. 247), falando sobre os filhos ouvintes de pais surdos, afirmam que “são nas convivências, no cenário cotidiano, que os sentidos e as operações tradutórias vão sendo exigidas dos sujeitos envolvidos nas relações de grupo, desafiando linguagens e articulando a língua dentro de laços culturais”. As autoras apresentam a experiência de uma ouvinte, filha de pais surdos, em suas vivências ao transitar entre as

culturas ouvinte e surda. A entrevistada relata, entre outras coisas, que o seu conhecimento da cultura dos surdos oportunizou fazer um trabalho junto aos surdos, de tal forma que tivesse melhores resultados.

Quando alguém diz ‘bem, você é filho de pais surdos, você entende’, ou ‘você entende o que eu (surdo) signifiquei ao dizer isso’, ou ‘você entende como uma sala de aula com surdos deve ser organizada’, isso significa que você tem que conhecer muito bem as pessoas surdas para entender as formas que as pessoas surdas organizam a sua língua, seus pensamentos, suas ideias, suas formas de ser. (QUADROS e MASSUTTI, 2007, p. 260).

A entrevistada também afirma que, se o simpatizante conseguir ter uma visão na perspectiva surda, ou seja, conhecer como os surdos pensam, como veem o mundo, poderão ter uma melhor compreensão sobre as diferenças existentes entre os dois mundos: o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes. Para a tradução é importante que o profissional tenha a compreensão acerca das diferenças existentes entre o mundo dos surdos e o dos ouvintes. Sendo assim, sua tradução acontecerá em conformidade com a visão da diferença, do respeito aos surdos. Ao conhecer a cultura, o profissional, em sua produção, saberá respeitar essas diferenças.

No texto de Quadros e Massutti (2007, p. 261), autoras apresentam o conceito de empatia como elemento que faz com que se compreenda acerca das necessidades do outro e se busque estratégias para solução destas necessidades.

Sabe-se que não há como todos os tradutores passarem pela mesma experiência dos filhos ouvintes de pais surdos, de crescerem tendo contato com as duas culturas. Contudo, a partir da pesquisa, nota-se que é válido que o tradutor tenha um olhar para essas experiências e, sempre que possível, busque aproximar-se da comunidade surda, para aprender a ver o mundo pela perspectiva dos surdos, entendendo como eles pensam. Neste ponto, os tradutores de línguas de sinais levam vantagem sobre os tradutores de línguas orais, pois podem ter contato com os surdos em seu próprio país, em sua cidade, ou em centros urbanos em que os surdos já estejam organizados em comunidades. Os tradutores podem participar dos eventos das associações, tais como, festas, festivais, seminários, momentos de lazer, esportes, entre outros. Com isso, os tradutores terão mais segurança durante suas traduções.

2.4 Atitude do Tradutor Diante do “Outro”

Sobre a importância de conhecer o público-alvo, Robinson (1997, p.104) em seu livro *Becoming a Translator: an Accelerated Course*¹ (Tornando-se um tradutor: um curso acelerado) frisa a importância de o tradutor conhecer bem sobre pessoas, sobre seus costumes, o que as pessoas gostam e não gostam de fazer, sobre como as pessoas pensam.

Aprofundando a experiência que se tem das pessoas - tanto pessoas individuais quanto pessoas em geral - mais previsíveis elas se tornam. Nunca perfeitamente previsível; pessoas são muito complicadas para isso. Mas aumentar a experiência com uma pessoa individualmente ajudará a entender as ações dessa pessoa; maior experiência com um certo tipo ou grupo de pessoas (incluindo pessoas de uma certa cultura, pessoas que falam uma certa língua) irá ajudá-lo a entender estranhos daquele grupo [...]. (ROBINSON, 1997, pg. 104).

De acordo com Robinson (1997), o tradutor precisa, desde a infância, ter conhecimento de pessoas para conhecer suas formas de pensar, como se portam, o que gostam ou não gostam. Com isso, pode-se considerar a importância de o profissional ter um olhar para “o outro”, um outro que tem uma identidade, uma visão de mundo diferente, uma cultura diferente, enfim, uma experiência diferente da sua própria.

Uma implicação disso para o treinamento ou crescimento profissional de um tradutor é que, começando idealmente na infância e continuando ao longo da vida, um tradutor deve estar interessado em pessoas, todos os tipos de pessoas - e deve aproveitar cada oportunidade de aprender sobre como pessoas diferentes agem. (ROBINSON, 1997, p. 101).

Robinson (1997) afirma, ainda, sobre a necessidade de o tradutor querer saber como é ser o outro, como o outro pensa, como o outro reage, como o outro cria o mundo. O tradutor atua recebendo uma mensagem na língua fonte e a traduz na língua alvo. O tradutor pode ser comparado a um diamante (ou a um prisma) que recebe a luz branca e a reflete colorida. A tradução acontece a partir de suas experiências, conhecimento de mundo e de sua cultura. Dentre os elementos culturais que fazem parte da constituição do tradutor está a sua língua.

¹ Trechos da obra foram traduzidos pela própria acadêmica, para a produção deste trabalho. Tradução não oficial.

Ao passo que o tradutor adquire uma nova língua, aqui denominada língua 2, doravante L2, ele pode aprender uma cultura - a do povo que fala essa língua.

Os tradutores aprendem palavras e frases, estilos, tons, registros linguísticos e estratégias culturais enquanto traduzem, enquanto interpretam, enquanto lêem um livro ou navegam na Internet, enquanto falam com as pessoas, enquanto se sentam em silêncio e pensando sobre algo que aconteceu. (ROBINSON, 1997, p. 40).

2.5 O Corpo e a Capacidade de Interpretar

Quando se fala sobre as produções dos tradutores das línguas de sinais, o processo de estudo do texto é o mesmo realizado pelos tradutores das línguas orais. A distinção do trabalho acontece quando se faz a produção final. Para a produção do vídeo-registro, os tradutores atuam nas gravações. Não apenas questões cognitivas são registradas, mas seus corpos são expostos a uma plateia.

Um dos efeitos de modalidade mais marcantes é o fato do tradutor ser o ator e mostrar o corpo no ato da tradução. A co-autoria do tradutor, nesse caso, fica literalmente estampada diante dos olhos do leitor, pois, o texto está sendo visto na Língua Brasileira de Sinais no corpo do tradutor/ator. (Quadros e Souza, 2008, p. 173).

O posicionamento e a atuação do corpo frente à câmera demandam atuação e também uma compreensão e um reconhecimento do corpo, um reconhecimento do ser, uma percepção de que sua expressão irradia através do seu corpo. Marques faz menção ao corpo do surdo:

Posso, ainda, criar um cenário da natureza e com as mãos, o corpo e a expressão, conferir-lhe movimentos como o rio, cuja água escorre em direção a um declive, ou o vento que acaricia as flores e flutua as folhas, e posso ainda dar mais vida a esse cenário inserindo uma ave planando sobre o anil ou um peixe ao embalo das águas. O corpo está entrelaçado nesse cenário e é parte integrante dele na sua completude; neste momento, não é apenas o corpo físico, mas a transposição de um espetáculo que se anuncia. (MARQUES, p. 80, 2007).

O corpo faz parte da essência da pessoa, que se locomove no mundo, tem suas experiências e sensibilidades. Não se pode falar que as habilidades dos surdos estão restritas apenas ao seu olhar, isso seria ter uma visão simplificada, visto que os surdos utilizam o corpo para se expressar muito mais do que os ouvintes. Diante das câmeras o tradutor sinalizante se expõe, apresenta-se ao mundo, é visto, pode ser reconhecido, ser julgado, ser elogiado. Tal

exposição também oferece à comunidade surda uma maior visibilidade. Através das produções em vídeos, os surdos que não tem contato com a comunidade surda e, portanto, não sabem língua de sinais, nem se reconhecem enquanto surdos; podem identificar-se e ter acesso à cultura surda. Enfim, surdos que veem, no corpo do outro, a beleza de uma língua que lhes permite se comunicar, explorar novos conhecimentos, acreditar em si como um ser que pode romper as barreiras e que pode comunicar-se e, com isso, conquistar seus sonhos, construir sua história e contar essa história com o seu corpo.

2.6 Diferenças no Trabalho de Tradutor e Intérprete

As atividades do tradutor e do intérprete são diferentes, no que tange ao modo de trabalho, ao tempo, ao suporte utilizado. O tradutor trabalha com o texto escrito ou filmado, tem tempo para pesquisar e trabalha com prazos. O intérprete trabalha com a palavra falada, não há tempo para uma pesquisa minuciosa acerca dos termos desconhecidos (em alguns casos, até mesmo com o autor do texto fonte) e a possibilidade de correção de equívocos é quase nula. Pagura (2003, p. 220) cita Lederer (1990, p. 56-57) quando afirma que o intérprete participa do evento o qual interpreta, pois vê os participantes e sabe sobre as funções dos mesmos durante a fala.

Quanto ao intérprete de língua de sinais, seu trabalho acontece entre falantes de línguas de sinais e de línguas orais. Acerca da produção da mensagem e sua interpretação, Pagura (2003, p. 212) afirma que a interpretação não acontece de forma simultânea ao ato de fala, pois, há um tempo necessário para a reorganização da interpretação, por parte do intérprete. A este tempo, os profissionais denominam *décalage*, um termo de origem francesa que significa “atraso”.

2.7 O Processo Tradutório

O processo tradutório consiste em transpor uma mensagem de uma língua para outra e de uma cultura para outra cultura. As línguas podem ser orais auditivas ou espaço visuais, como as línguas de sinais. Em seu texto “A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores”, Pagura (2003) afirma que há mais teorias de tradução do que de interpretação. No texto, apresenta a Teoria Interpretativa da Tradução, também conhecida como a Teoria do Sentido, com base nos

estudos de Danica Seleskovitch (PAGURA, 2003, p. 218). Também apresenta a autora Marianne Lederer (1994) e sua obra *La Traduction Aujourd'hui: le modele interprétatif*, que aborda a aplicação da Teoria Interpretativa da Tradução à tradução escrita. Com isso, segundo o autor, a teoria pode ser utilizada tanto na tradução quanto na interpretação, ambas as autoras fizeram análises do processo de tradução de línguas orais.

Como o presente trabalho visa investigar sobre a língua e cultura de falantes de línguas de sinais julgou-se importante fazer um paralelo entre as traduções das línguas orais e as línguas de sinais, com base nas investigações que Pagura (2003) realizou sobre os textos de Seleskovitch (1978).

Figura 1: Paralelo entre Traduções de Línguas Orais e as Línguas de Sinais

Línguas Orais Auditivas Postulados da Teoria Interpretativa da Tradução de Danica Seleskovitch	Paráfrase Adaptação do processo de tradução nas Línguas de Sinais
<p>“Percepção auditiva de um enunciado lingüístico que é portador de significado. Apreensão da língua e compreensão da mensagem por meio de um processo de análise e exegese”. (Selesovitch p. 9, 1978 apud Pagura p. 219, 2003)</p>	<p>No processo de tradução a partir do registro, tanto em vídeo, em língua de sinais, como em registro escrito, o tradutor assiste ou lê uma produção que tenha sentido linguisticamente. Depois apreende a língua e compreende a mensagem pelo processo de análise e exegese.</p>
<p>“Abandono imediato e intencional das palavras e retenção da representação mental da mensagem (conceitos, idéias, etc.)”. (Selesovitch p. 9, 1978 apud Pagura p. 219, 2003).</p>	<p>Depois de o texto ter sido recebido na língua escrita (sequencial, linear, grafada, ou gravada em áudio) devem ser intencionalmente abandonadas as palavras, deve ser reestruturado para a língua visual espacial. O mesmo acontece quando o texto é recebido em língua visual espacial - devem ser abandonados os sinais e haver a retenção das mensagens.</p>
<p>“Produção de um novo enunciado na língua-alvo, que deve atender a dois requisitos: deve expressar a mensagem original completa e deve ser voltado para o destinatário”. (Selesovitch p. 9, 1978 apud Pagura p. 219, 2003).</p>	<p>O processo tradutório da língua escrita para a Língua de Sinais deve expressar a mensagem original com o objetivo que o destinatário receba a mensagem produzida pelo corpo do sinalizante, na língua que é espaço visual. Já a tradução entre línguas de sinais o tradutor traduz de uma língua de sinais para outra língua de sinais, por exemplo Língua Brasileira de Sinais LIBRAS e Língua Americana de Sinais ASL. Ou, na tradução da Língua de Sinais (gravada em vídeo) para línguas orais auditivas, o tradutor fará a escrita ou a fala na estrutura das línguas orais que são lineares.</p>

2.8 Conhecimento Prévio do Tradutor

Papura (2003), fala que o processo de tradução consiste na conversão de uma mensagem de uma língua para outra língua e de uma cultura para outra cultura. O tradutor deve ter algumas competências prévias ao ato tradutório. Primeiramente deve conhecer a língua fonte e a língua alvo, sua estrutura gramatical. Também conhecer os estilos em que a língua pode se apresentar e sobre as possíveis composições que os falantes da língua podem criar durante suas falas, por exemplo: gírias, expressões idiomáticas, fraseologismos, entre outras características de produção utilizadas pelos falantes da língua.

Quando se fala sobre o conhecimento que o tradutor precisa ter das línguas envolvidas no processo de tradução, Papura cita Lederer:

A fala é enunciada por meio de um fluxo contínuo de palavras, cada palavra contribuindo para o significado das palavras a seu redor e tornando-se mais específica pelas demais palavras que a acompanham. A interação significativa das palavras presentes da memória de trabalho é o primeiro nível de complementos cognitivos; ela acaba com a polissemia das palavras. (Lederer, 1990, p.56-57, apud Papura, 2003, p.220).

O conhecimento da estrutura na língua de sinais é de grande importância para o tradutor. Pela natureza da tradução, ele tem tempo e entra em contato com outros colegas de profissão, com falantes da língua e, se possível, com o próprio autor para dirimir as dúvidas. Além das línguas de sinais não poderem ser produzidas de forma linear e consecutiva, assim como as línguas orais, a estrutura das línguas de sinais é produzida pelo corpo do sinalizante, através de movimentos corporais com diferentes direcionalidades, de movimentos dos olhos, das mãos, expressões faciais, produção no espaço, pontos de contato, entre outros. O trabalho de tradução da língua de sinais se dá por um processo ainda mais cuidadoso.

Papura volta a citar Lederer acerca da importância do tradutor ter conhecimento sobre o autor, contexto em que o texto foi escrito e o seu público-alvo.

O tradutor identifica a realidade designada, a época em que o texto foi escrito, o autor, o público original (...) A bagagem cognitiva do tradutor permite-lhe reencontrar e transmitir as ideias e as emoções que o texto designa, mais do que aqueles que ele exprime. (Lederer, 1990, p. 41, apud Papura 2003, p. 220).

Para que o tradutor possa realizar o processo mental de se desligar da fala original e fazer uma reorganização para uma produção do enunciado, precisa ter tido contato com os assuntos que está trabalhando.

2.9 Processos na Tradução

Conforme já citado, Pagura (2003) apresenta o trabalho de Seleskovitch (1978) e Lederer (1990) acerca do processo tradutório com base na Teoria Interpretativa da Tradução. Descreve três processos que acontecem durante a tradução:

2.9.1 Transcodificação

O primeiro processo é denominado transcodificação. Acontece quando, de uma língua para outra, o termo ou a palavra não tem uma tradução, como nos casos de nomes próprios e numerais, nesse caso as palavras e os números são traduzidos literalmente. “[...] “transcodificação” (do francês, *transcodage*) e restringe-se basicamente a palavras que denotem quantidades, a nomes próprios e a palavras ou expressões de natureza técnica. (cf.: Lederer, 1994, p. 46-48; Seleskovitch, 1975, p.11-31 apud Pagura, 2003, p. 221). Como neste trabalho o foco é para a modalidade das línguas de sinais no processo de transcodificação em que os nomes próprios e os numerais não têm sinal e, portanto, não são traduzidos, sendo assim usada a escrita datilológica ou soletração nas línguas de sinais.

2.9.2 Desverbalização

O segundo processo denomina-se desverbalização. No processo tradutório, como as línguas não apresentam equivalentes entre si, é necessário que o tradutor, ao receber a mensagem, a assimile e compreenda o sentido. Então, ele abandona a forma da língua fonte e, a partir de seus conhecimentos sobre a língua fonte, faz uma imagem mental da mensagem. “Em outras palavras, tanto no processo escrito como no oral, o profissional da tradução ‘faz uso de sua memória das coisas ditas anteriormente a fim de compreender as sentenças sendo enunciadas’”. (Lederer, 1990, p. 57 apud Pagura, p. 220).

Além disso:

O processo da interpretação envolve a percepção de ideias, ou sentido, expressas no discurso. À medida que se percebe o sentido, as formas verbais utilizadas para transmiti-lo desaparecem, deixando apenas a consciência a partir da qual o intérprete pode espontaneamente expressar o sentido, sem estar preso à forma da língua de partida. (Seleskovitch e Lederer, 1995, p. 24, apud Pagura, 2003).

2.9.3 Reverbalização

O terceiro processo é a reverbalização. O tradutor precisa recriar o texto para a produção na língua alvo. É o momento em que o tradutor e o intérprete dão uma nova feição à mensagem já compreendida. Como claramente dito por Seleskovitch (1978, apud Pagura, p. 221), o novo enunciado deverá atender a dois critérios básicos: a mensagem original deve ser completa, provida de todos os detalhes e deve refletir as características da língua de chegada. Ao se traduzir do inglês para o português, por exemplo, o texto de chegada, quer seja ele escrito ou oral, deverá parecer ter sido produzido originalmente em português, sem traços que denotam sua origem no inglês.

Neste capítulo foi apresentada a análise de Pagura sobre a Teoria Interpretativa da Tradução de Danica Seleskovitch e alguns conceitos cunhados por Lederer, que tomou como base de seus estudos a Teoria de Seleskovitch.

3. EQUIPE DE TRADUTORES SURDOS NA UFSC

No artigo intitulado “Equipe de tradução do curso de Letras Libras”, Janine Soares de Oliveira e Rodrigo Custódio (2014, p. 94) apresentam o trabalho realizado pela equipe de tradução dos conteúdos importantes para a educação dos surdos.

Essa equipe foi responsável pela tradução dos textos-base de cada disciplina, provas, atividades, bem como dos DVDs do curso. Além dos materiais pedagógicos, também foram traduzidos editais, regimento do curso, informações complementares e o próprio exame de vestibular para ingresso na graduação em Letras Libras. (OLIVEIRA e SILVA, 2014, p. 94).

Na sequência, apresentamos as etapas do processo desde a escolha dos profissionais até o resultado final.

3.1 Requisitos para a Escolha dos Tradutores

Segundo Oliveira e Silva (2014), dentre os requisitos para a escolha dos profissionais que atuaram nas gravações dos materiais do Letras Libras estavam o conhecimento das culturas dos participantes das línguas envolvidas, fluência em Língua Portuguesa e em LIBRAS, e também que os tradutores fossem prioritariamente surdos. O texto aborda a relevância de o tradutor conhecer o público-alvo ao qual será destinada a sua produção. Dentre as especificidades do trabalho, os tradutores se esmeram em investigar os sinais que possam abranger o maior número de falantes. O processo demanda que o tradutor conheça vários sinais e faça escolhas pelo sinal que é mais utilizado e reconhecido pelo maior número de surdos, visto que os alunos do Letras Libras são de diversos estados brasileiros.

Os requisitos para integrar a Equipe de Tradução eram: ser proficiente em língua portuguesa escrita e fluente em Libras; conhecer as diferenças/semelhanças entre a Língua Portuguesa e a Libras (linguística, cultural, gramatical, etc.); organizar seu tempo para estudar os materiais (antes de gravar); pesquisar e estudar os aspectos semânticos e pragmáticos do par linguístico. (OLIVEIRA e SILVA, 2014 p. 96).

Quando o tradutor tem uma boa fluência e faz parte da comunidade, ele é bem aceito enquanto profissional, o seu trabalho é reconhecido e ele pode ser convidado a fazer parte das equipes de trabalho de tradução. O tradutor de língua de sinais que atua nas produções não trabalha sozinho, pois tem que levar em consideração os grupos culturais diversos que são participantes da comunidade surda que se espalha nas regiões do Brasil e do mundo.

Ainda com relação ao público-alvo, outro fator que foi levado em consideração dizia respeito à escolha das terminologias utilizadas durante as gravações.

3.2 As Pesquisas e Escolhas dos Sinais

O texto de Oliveira e Silva (2014, p. 96), registra que as pesquisas contaram com informantes diversos e eram realizadas levando em consideração estudo dos sinais, sendo que sua padronização garante a coerência entre os textos sinalizados. A coerência nos textos foi imprescindível. Ainda que um mesmo tradutor fosse responsável pela gravação de uma disciplina, existiam muitos conceitos que foram utilizados em disciplinas diferentes. Por ser uma tradução de textos acadêmicos, que têm muitos conceitos técnicos, estes estudos e a escolha das terminologias era relevante no que tange à coesão textual da gravação final. Durante o processo de trabalho, eram realizadas reuniões periódicas para os ajustes necessários e, também, para que se combinasse entre os tradutores quais sinais seriam utilizados durante as gravações. Para tanto, os tradutores vinham para as reuniões com as pesquisas prontas e, então, elencavam quais sinais utilizariam. Em se tratando das produções, a equipe acordou que um tradutor seria responsável pela gravação de todos os textos da mesma disciplina. A importância das pesquisas se dá pelo fato da comunidade surda não habitar um mesmo espaço geográfico. Conforme Oliveira e Silva (2014), muitas vezes, os surdos de uma região do país não têm contato com outras comunidades surdas e os sinais são diferentes, apesar de ser a mesma língua, semelhante às expressões regionais presentes na língua oral.

3.3 Metodologia das Traduções

3.3.1 DVDs

Sobre a metodologia, Oliveira e Silva (2014, p. 105) falam que, para traduzir os DVDs, era aconselhado ao tradutor que memorizasse o texto e procurasse sinalizar de uma forma livre, sem o auxílio de um suporte visual (teleprompter).

3.3.2 Escrita de Sinais

O texto de Oliveira e Silva (2014, p. 110) também faz referência às traduções para a escrita da língua de sinais, as quais eram realizadas a partir das traduções feitas pelos tradutores surdos. Ou seja, a escrita da língua de sinais era feita com base não na Língua Portuguesa e sim na LIBRAS. Essa atividade qualifica o trabalho, pois respeita a estrutura da LIBRAS para a produção dos textos escritos em língua de sinais.

A importância da tradução para a escrita de sinais acontecer a partir da LIBRAS e não da Língua Portuguesa está no fato de que a leitura é realizada a partir da estrutura de pensamento do surdo que vai ler e abstrair o sentido do texto.

3.3.3 Provas

O texto de Oliveira e Silva (2014, p. 215) mostra que, de início, as provas eram gravadas por apenas uma tradutora. Com o passar do tempo, os professores gravavam as provas e, posteriormente, os demais tradutores também faziam a tradução das provas.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 Abordagem, Procedimento e Objetivo da Pesquisa

Buscou-se fazer uma Pesquisa Qualitativa, do ponto de vista da abordagem do problema; Bibliográfica, do ponto de vista do seu procedimento e Exploratório-descritiva, quanto aos seus objetivos, já que, além de explorar o tema, também se analisou o trabalho documentado previamente por outro pesquisador, de uma equipe de tradução na prática. Investigou-se acerca do conhecimento que o tradutor intérprete precisa ter sobre a cultura surda, da importância desse conhecimento na prática de uma equipe tradutora e verificando se os artigos pesquisados faziam menção ao corpo do tradutor intérprete.

4.2 Corpus e Procedimentos de Análise

Como problemática da pesquisa, questionou-se sobre a importância do profissional da tradução para as línguas de sinais ter um bom conhecimento acerca da cultura do público-alvo ao qual se destina as traduções, ou seja, à comunidade surda. Também se buscou, secundariamente, a relação do corpo do tradutor como parte indispensável no processo de tradução/interpretação.

Em um primeiro momento foram feitas leituras para apropriação dos conhecimentos sobre formação de tradutores/intérpretes, cultura surda, identidade surda, importância da participação de eventos da comunidade surda, por intérpretes/tradutores de LIBRAS e implicações desta aprendizagem no exercício profissional.

Para a investigação acerca da importância do tradutor/intérprete ter conhecimento sobre a cultura dos surdos, bem como a questão do corpo, foram escolhidos três livros que apresentam diversos artigos científicos na área dos estudos surdos: Estudos Surdos I, II e III produzidos, respectivamente, nos anos de 2006, 2007 e 2008, tendo como organizadora Ronice Müller de Quadros e, no livro II, também Gladis Perlin. A seleção dos livros deu-se em virtude da relevância científica e acadêmica que os mesmos têm, dentro dos estudos surdos no Brasil.

Para a leitura e análise, foram listados artigos, destes livros, aqueles que tratavam, de forma implícita ou explícita, de conceitos que remetem ao ato da tradução, da cultura surda, da interpretação, sobre os filhos de pais surdos - CODAs.

Durante a leitura, foi realizada a compilação de citações consideradas relevantes acerca do tema da pesquisa. Posteriormente, organizou-se em tabelas, classificando conforme o conteúdo e a temática que abordavam. Na etapa final, produziu-se a exploração e descrição em forma do texto apresentado no desenvolvimento deste trabalho.

5. ANÁLISE DE DADOS

Dentre os sete textos analisados e tabulados:

Quadro 1

	REFERE AO TRADUTOR E À CULTURA RESULTADO: DENTRE OS 7 TEXTOS ELENCADOS 6 FAZEM MENÇÃO À IMPORTÂNCIA DE O TRADUTOR INTÉRPRETE CONHECER A CULTURA DO PÚBLICO-ALVO	REFERE SOBRE O CORPO DO TRADUTOR RESULTADO: DENTRE OS 7 TEXTOS ELENCADOS 4 FAZEM MENÇÃO AO CORPO DO TRADUTOR INTÉRPRETE QUE PARTICIPA INTEGRALMENTE DO ATO TRADUTÓRIO.
ESTUDOS SURDOS I (3 artigos)		
ESTUDOS SURDOS II (2 artigos)		
ESTUDOS SURDOS III (2 artigos)		

Pode-se verificar que seis deles falavam acerca da importância do tradutor intérprete ter um bom conhecimento sobre a cultura do povo surdo, através de contatos com a comunidade surda nos espaços em que os surdos se reúnem, tais como: seminários, associações, campeonatos, festas, entre outros.

Sobre o tema: corpo do tradutor na interpretação, foram quatro resultados positivos, ainda que não estivessem explícitos o termo corpo nos textos, era explicada sobre a atuação

tanto na incorporação do falante, por parte do tradutor, quanto sobre as experiências sensoriais dos surdos.

Conforme análise de cada artigo, segundo seu tema:

Quadro 2

ESTUDOS SURDOS I		
	TRADUTOR E CULTURA	CORPO DO TRADUTOR
<p>Capítulo 4 POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS: TRAÇOS DA IDENTIDADE SURDA – Ronice Müller de Quadros e Rachel Sutton-Spence</p>	<p>O TEXTO FALA SOBRE TRADUZIR A CULTURA</p> <p></p>	<p>O TEXTO ABORDA SOBRE <i>A experiência sensorial de pessoas surdas</i></p> <p></p>
<p>Capítulo 5 OUVINTE: O OUTRO DO SER SURDO – Gladis Perlin e Ronice Müller de Quadros</p>	<p>O TEXTO FALA SOBRE O INTÉRPRETE TRADUZIR SEGUNDO A CULTURA DO SURDO</p> <p></p>	<p>NÃO TRATA SOBRE</p> <p></p> <p>O CORPO DO SURDO</p>
<p>Capítulo 7 POSSÍVEIS ENCONTROS ENTRE CULTURA SURDA, ENSINO E LINGÜÍSTICA – Rossana Finau</p>	<p>ABORDA ASPECTOS DA CULTURA MAS NÃO TRATA SOBRE O TRABALHO DO TRADUTOR INTÉRPRETE, APENAS SOBRE A FAMÍLIA E OS PROFESSORES</p> <p> </p>	<p>NÃO FALA SOBRE O CORPO DO SURDO DURANTE A TRADUÇÃO</p> <p></p>

Quadro 3

ESTUDOS SURDOS II		
	TRADUTOR E CULTURA	CORPO DO TRADUTOR
<p>Capítulo 9 Codas brasileiros: LIBRAS e português em zonas de contato Ronice Müller de Quadros e Mara Massutti</p>	<p>O TEXTO FALA SOBRE OS CODAs E SEU TRÂNSITO ENTRE AS CULTURAS</p> <p style="text-align: center;"></p>	<p>Retomando um conceito de “safe house” usado por Pratt de sujeitos em zonas de contato, os codas encontram na comunidade surda espaço de segurança, o porto seguro para viver a intensidade de uma língua constituída no corpo e na forma de olhar. (QUADROS. 2007, p. 263)</p> <p style="text-align: center;"></p>
<p>Capítulo 6 Pensando em tradução cultural a partir do sujeito não surdo Gisele Iandra Pessini Anater</p>	<p>TRATA MUITO SOBRE A CULTURA E O TRADUTOR</p> <p style="text-align: center;"></p>	<p>NÃO FALA SOBRE O CORPO DO TRADUTOR</p> <p style="text-align: center;"></p>

Quadro 4

ESTUDOS SURDOS III		
	TRADUTOR E CULTURA	CORPO DO TRADUTOR
<p>Capítulo 7 Intérpretes de língua de sinais: uma política em construção. Mara Lúcia Masutti e Silvana Aguiar dos Santos</p>	<p>FALA SOBRE O TRADUTOR E A CULTURA</p> <p style="text-align: center;"></p>	<p>FALA SOBRE A EXPOSIÇÃO DO CORPO DO INTÉRPRETE</p> <p style="text-align: center;"></p>
<p>Capítulo 8 Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras Ronice Müller de Quadros e Saulo Xavier Souza</p>	<p>O texto não faz uma menção direta à importância de o tradutor ter conhecimento da cultura, contudo no texto fica implícita a necessidade de a tradução estar em consonância com a cultura do público alvo, que são surdos do Curso de Letras Libras Licenciatura da UFSC.</p> <p style="text-align: center;"></p>	<p>FAZ MENÇÃO AO CORPO DO INTÉRPRETE</p> <p style="text-align: center;"></p>

Pode-se, ainda, verificar a tabela contida no Anexo 1, com as citações extraídas de cada um dos artigos pesquisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente pesquisa, através da pesquisa bibliográfica com os critérios de análise de textos acerca de tradução, reforça a ideia que a tradução para as línguas de sinais deve ser apoiada, entre outros conhecimentos, pelo conhecimento da cultura dos surdos, de tal maneira que a participação dos tradutores nas comunidades surdas oportuniza uma aproximação, não apenas com os surdos, mas com a sua língua e com a sua cultura. A partir da aproximação que o profissional tem dessa comunidade sua produção nas línguas de sinais terá uma boa fluência, com isso a fidelidade nas traduções será um elemento perceptível no trabalho final. A fidelidade será perceptível através da capacidade que o tradutor terá em pegar o texto original, fazer a desverbalização, abstraindo o sentido da mensagem, o tradutor será capaz de traduzir usando as técnicas de transcodificação, quando as palavras técnicas ou nomes que ainda não tem sinal aparecerem nos textos, também fará a reverbalização com foco na língua alvo de maneira clara e compreensível para o público alvo. A fluência é percebida através das produções dos sinais de forma espaço visual produzidas pelo corpo do sinalizante que faz parte do processo tradutório e que é visível no produto final da tradução, ou seja, no vídeo.

A partir do problema de pesquisa pode-se analisar nos artigos investigados a valorização do profissional tradutor deixar-se imergir na cultura da comunidade surda. A partir dessa imersão, no momento da atuação, a tradução fluirá com mais clareza, a fidelidade ao texto fonte será sinalizada com maior fluência em função do uso da desverbalização, da reverbalização e da transcodificação.

Como essa pesquisa para conclusão da graduação não abrangia uma publicação de longo fôlego, os dados apresentados são singelos, porém, é resultado de esforço e interesse por explorar esta área tão importante da vida acadêmica, que é a pesquisa. Com isso, vale destacar a importância de haver mais pesquisas sobre o mesmo assunto e sobre outros temas que não foram explorados aqui. A reflexão e análise teórica vêm adicionar profundidade à experiência prática obtida ao longo dos anos atuando como intérprete de LIBRAS.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 04 de junho de 18.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, v.13, n. 37, 2008.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf> acesso em: 28 de maio de 2018.

DA SILVA, Márcia Regina; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 110-129, june 2011. ISSN 2178-2075. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42337/46008>>. Acesso em: 05 june 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v2i1p110-129>.

DAMASCENO, M. P., Melo, M. C. O. L., & Muylder, C. F. (2015). **Educação à Distância em Foco: Um Estudo sobre a Produção Científica Brasileira**. Revista de Administração Mackenzie, 16(4), 202-230. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/37357/educacao-a-distancia-em-foco--um-estudo-sobre-a-producao-cientifica-brasileira/i/pt-br> acesso em 05 de junho de 18.

FADERS. **Termos frio e verde - mini dicionário** da. Disponível em: http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf acesso em 31 de maio de 18.

MARQUES. Rodrigo Rosso **A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp067863.pdf> acesso em: 27 de maio de 2018.

MARQUES, Rodrigo Rosso. **A percepção do corpo próprio e o “ser surdo”**. Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos, Florianópolis, n. 9, p. 75-85, jan. 2007. ISSN 2175-8050. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/20425>>. Acesso em: 27 maio. 2018.

PAGURA, R. **A Interpretação de Conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores**. D.E.L.T.A., 19, esp. 2003. p.209-236. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-44502003000300013&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em: 29 de maio de 18.

QUADROS, Ronice Muller de. **Letras libras ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. (org.). **Estudos surdos I** – [Petrópolis, RJ] : Arara Azul, 2006. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf> acesso em 17 de maio de 18.

QUADROS, Ronice Müller de. Gladis Perlin (organizadoras). **Estudos Surdos II** / Ronice Müller de Quadros – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf> acesso em: 05 de maio de 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. **Estudos Surdos III** / (organizadora). – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2008. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/estudos3.pdf> acesso em: 05 de maio de 2018.

ROBINSON, D. 1997. **Becoming a Translator: an Accelerated Course**. London/ New York: Routledge. Disponível em: [http://ilts.ir/Content/ilts.ir/Page/142/ContentImage/Becoming%20a%20Translator%20\(1st%20Ed\).pdf](http://ilts.ir/Content/ilts.ir/Page/142/ContentImage/Becoming%20a%20Translator%20(1st%20Ed).pdf) acesso em: 28 de maio de 2018. Traduzido por mim no google tradutor.

RODRIGUES, L. A. et al. **A bibliometria como ferramenta de análise da produção intelectual: uma análise dos hot topics sobre sustentabilidade**. *Biblionline*, v. 12, n. 3, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/22127> . Acesso em: 04 Jun. 2018.

GLOSSÁRIO

Para um melhor entendimento do que o texto propõe, cabe aqui apresentar o que a teoria afirma sobre alguns conceitos importantes referentes aos termos apresentados nesta pesquisa.

Cultura Diz respeito às convenções criadas por um grupo que vive em um determinado espaço e tempo.

Intérprete Atua como mediador entre falantes de línguas diferentes, sua atuação é simultânea ao ato da fala.

Língua Diz respeito às expressões com vista à comunicação entre os humanos e é marca distintiva de um povo.

Língua de Partida É a língua em que o tradutor intérprete recebe a mensagem.

Língua de Chegada É a língua em que o tradutor intérprete produz a mensagem.

Linguagem Diz respeito às diversas formas de comunicação humana e não humana, por exemplo, a linguagem das abelhas que é utilizada para a comunicação entre indivíduos, ou as linguagens corporais, por exemplo.

Línguas Espaço-Visuais São produzidas pelas mãos e por expressões faciais e corporais e são recebidas através dos olhos. No Brasil, a língua espaço-visual aclamada com a segunda língua oficial do país é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que foi regulamentada pela Lei nº 10.436 e oficializada pelo decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005.

Línguas Oraís São produzidas pelo aparelho fonador e recebidas pelo aparelho auditivo.

Povo Surdo É um povo que possui a cultura surda, ele não habita um espaço delimitado geograficamente, mas fala a mesma língua e tem experiências visuais.

Tradução Acontece a partir de um texto em uma plataforma física ou falada para uma plataforma física, podendo ser escrita ou filmada.

Tradutor Quando se trata de processos interpretativos e tradutórios é necessário fazer uma distinção. Pagura (2003, p. 210) cita o início do texto do livreto da União Europeia “o tradutor trabalha com a palavra escrita, o intérprete com a palavra falada”.

ANEXO 1 - Tabela de citações extraídas dos artigos pesquisados

QUADROS, Ronice Müller de. Estudos surdos I / Ronice Müller de Quadros (org.). – [Petrópolis, RJ] : Arara Azul, 2006.
Capítulo 4
POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS: TRAÇOS DA IDENTIDADE SURDA – Ronice Müller de Quadros e Rachel Sutton-Spence
<p>Este artigo analisa como os temas e a linguagem usada na poesia em língua de sinais se constituem para criar e traduzir a cultura surda e a identidade das pessoas surdas</p> <p>É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país”. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 111).</p>
<p>“A análise, neste capítulo, é apresentada na perspectiva do folclore surdo, em que folclore pode ser visto como um “espelho da cultura”, neste caso, fornecendo elementos que refletem a cultura surda (Rutherford 1993). Enquanto não há uma definição universal de folclore, ele é normalmente visto como o conjunto cultural de conhecimentos que são transmitidos oralmente (ou visualmente) em uma comunidade”. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 113).</p> <p>“Como todas as línguas de sinais tradicionalmente não apresentam um sistema escrito, o conhecimento cultural das comunidades surdas, que é passado por meio da língua de sinais, é transmitido visualmente (Finnegan, 1977). Este conjunto cultural de conhecimento inclui literatura e outras artes, linguagem e discurso popular (Utley, 1961)”. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 113).</p> <p>“Bascom (1953, p. 26) indica que o folclore está intimamente associado com a Antropologia Cultural, porque esta estuda “os costumes, as tradições e as instituições de povos vivos”, de modo que ambos, folcloristas e antropólogos culturais, podem estar interessados nas funções do folclore”. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 114).</p> <p>“Todos os poemas em língua de sinais celebram implicitamente a experiência cultural visual da surdez e da língua de sinais, somente porque usam a língua de sinais como uma forma de arte”. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 130).</p>
<p><i>SOBRE O CORPO</i> neste artigo é apresentada uma estratégia de o tradutor colocar no poema a atividade visual, com o subtítulo: “A experiência sensorial de pessoas surdas”</p> <p>“A experiência sensorial de pessoas surdas é uma característica central de muitos poemas na língua de sinais. O som – e a ausência dele – tem lugar muito pequeno nessas poesias e é raro encontrar um poema na língua de sinais que foque em qualquer sentido a perda da audição para pessoas surdas. Alguns poemas escritos por pessoas surdas refletem isso</p>

(Ormsby: 1995b dá alguns exemplos do século XIX, tais como O lamento mudo/*The Mute's Lament* de John Carlin de 1847), mas para poetas da língua de sinais, o som e o discurso são simplesmente irrelevantes. Em vez disso, a visão é trazida para o primeiro plano, reafirmando o lado positivo da experiência surda da vida e da existência visual das pessoas surdas”. (QUADROS. p. 117, 2006).

Estudo surdos I Capítulo 5

OUVINTE: O OUTRO DO SER SURDO – Gladis Perlin e Ronice Müller de Quadros

Este texto não apresenta as questões do corpo do tradutor mas faz menção ao intérprete que reconhece o surdo em sua alteridade e o respeita, o intérprete que tem contato com a comunidade surda terá um melhor resultado em sua produção, conforme as autoras.

“Também há aqueles outros ouvintes que admitem a alteridade, a diferença de “ser surdo”. Junto a esses, os surdos estão alcançando uma maior tolerância e encontram mais espaço para a produção simbólica da cultura surda e possibilidades maiores para continuar sua distinção social como surdos. Além de narrar e defender a alteridade surda, esses ouvintes também entram na causa social surda, incentivando-os para a política da diferença e para a conquista do seu espaço cultural, ou seja, espaço de um novo desenvolvimento cultural. As narrativas surdas prosseguem a respeito deles: *são aqueles que nós surdos podemos dizer são dos nossos, têm nossa confiança, nosso respeito*”. (PERLIN e QUADROS, 2006, p. 182,).

Os intérpretes de língua de sinais são ouvintes que podem, também, transitar entre as culturas surdas e ouvintes. Dependendo de sua competência profissional, as identidades dos intérpretes podem tomar formas híbridas, identificando a alteridade surda. A partir desse reconhecimento e entendimento profundo do outro, o intérprete consegue realizar com mais competência o processo de tradução. (PERLIN e QUADROS, 2006, p. 183).

Estudo surdos I Capítulo 7

POSSÍVEIS ENCONTROS ENTRE CULTURA SURDA, ENSINO E LINGÜÍSTICA – Rossana Finau

O artigo aborda questões sobre letramento, aquisição de L1 e L2, aborda aspectos da cultura mas não trata sobre o trabalho do tradutor intérprete, apenas sobre a família e os professores.

QUADROS, Ronice Müller de. Gladis Perlin (organizadoras). Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007. capítulo 9

Codas brasileiros: LIBRAS e português em zonas de contato Ronice Müller de Quadros e Mara Massutti

O TEXTO APRESENTA SOBRE OS CODAS SUA CULTURA

"Se determinadas situações fazem sentido dentro de apenas determinadas línguas e culturas,

como lidar com elas durante a travessia de sentidos sem banalizar ou querer minimizar as crenças culturais? como traduzir essas “zonas de contato” que não representam uma visão utópica das línguas como entidades gramaticalmente coerentes e homogêneas gramaticalmente, e compartilhadas de forma similar entre os membros da comunidade?”. (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 248).

“Para os meus pais surdos, aprender o português era algo que me colocava em uma posição de vantagem, uma vez que me daria condições de mudar meu status e, também, me tornaria uma intérprete ainda melhor para eles”. (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 248).

"Os CODAs crescem sinalizando em situações de informalidade, em casa, com amigos surdos, nas associações de surdos e nas suas festas". (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 253)

"A questão é que há muitas formas de construir CODAs brasileiros imagens na língua de sinais que não são possíveis de ser realizadas na língua portuguesa". (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 254-255).

“Nesse sentido, meus pais nos colocam em vantagem em relação aos ouvintes da escola, pois nós sabíamos sobre os surdos, sobre a língua de sinais e que, ainda, eu iria aprender a ler e escrever a língua portuguesa”. (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 258).

"Por haver internalizado os sistemas de representações lingüísticos e culturais, esse sujeito reconhece os preconceitos que se incrustaram em ambas as línguas, em cada uma a sua forma. por isso, no momento de traduzir, essa interferência do campo representacional emerge no ato da fala, e resulta e um efeito de estranhamento e mal-estar. (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 251).

"Para os meus pais surdos, aprender o português era algo que me colocava em uma posição de vantagem, uma vez que me daria condições de mudar meu tatus e, também, me tornaria uma intérprete ainda melhor para eles".

(QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 259).

"As pessoas que sabem sobre as pessoas surdas e sua língua podem ser capazes de perceber o mundo em outra, perspectiva, na perspectiva surda. Você tem que conhecer surdos para falar sobre eles. Você tem que conhecer a sua língua para discutir sobre eles. Se você não conhece, você provavelmente não vai alcançar essa perspectiva". (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 260).

Retomando um conceito de “safe house” usado por Pratt de sujeitos em zonas de contato, os CODAs encontram na comunidade surda o espaço de segurança, o porto seguro para viver a intensidade de uma língua constituída no corpo e na forma de olhar. (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 263).

Estudo surdos III Capítulo 6

Pensando em tradução cultural a partir do sujeito não surdo Gisele Iandra Pessini Anater

“Ao falarmos das relações entre surdos e ouvintes, em situações de interação e de necessidade comunicativa, em que a língua daqueles e o conhecimento acerca de seus elementos culturais são necessários para a compreensão, devemos pensar em articulação da linguagem”. (ANATER, 2007, p. 126).

“Com base nas reflexões de Bhabha (2005), e nas de Souza (2007), trazemos para nossas ponderações a *tradução cultural*, processo e estado vivenciados pelo ouvinte ao ter de atravessar constantemente, com suas identidades, as diferentes fronteiras culturais, de modo a criar vínculos nem sempre livres de tensões e confortáveis.” (ANATER, 2007, p. 127).

“Diante dessas explanações passamos às seguintes, a fim de delinear algumas das experiências visuais que o ouvinte precisa assimilar no contato com o surdo.” (ANATER, 2007, p. 128).

“Ao considerarmos essas importantes caracterizações, para pensarmos no contato entre surdos e não-surdos, com suas experiências visuais e por meio da Língua de Sinais, passamos a entender como os sujeitos da interação se visualizam, sendo culturalmente traduzidos a todo instante”. (ANATER, 2007, p. 130).

“[...] conforme explicam Skliar & Quadros (2000): Os diferentes tipos de “ouvintes” têm diferentes níveis de compreensão destas experiências visuais [as que perpassam a visão] incluindo o respeito e/ou o domínio da Língua de Sinais. Tais experiências tornam possível a participação em menor ou maior grau na comunidade surda. Isso significa que as experiências visuais são intrínsecas às identidades e culturas porque as células nervosas do córtex visual desse indivíduo encontram-se de forma isolada, em colunas, no início da vida, e com o estímulo dessa região no cérebro vai restar apenas a ramificação nervosa essencial; assim se dá o mecanismo de competição, que não acontece apenas em uma modalidade (visão), mas também na acústica e visual. (RODRIGUES, 1993, p.15) “Pensando em tradução cultural a partir do sujeito não-surdo surdas. Assim sendo, as pessoas que têm mais experiências visuais passam a ser mais aceitas pelos surdos”. (p.22).” (ANATER, p.130-131).

“Como este lida com a necessidade (seja ela pessoal, profissional ou social) de se comunicar com outros intérpretes e de se definir em um espaço *relacional*, onde a alteridade é transparente; de assumir a cultura surda, mesmo sem se desconectar da sua cultura adquirida”. (ANATER, p. 134-135 2007).

Com essas impressões de *estrangeiro* é que o ouvinte migra com a sua cultura para a do surdo, e nas interações com este assume a Língua de Sinais para a comunicação, entende os costumes que permeiam a comunidade e, principalmente, experimenta a heterogeneidade dentro das identidades que constituem os sujeitos surdos. (ANATER. 2007, p. 137).

"Nesse momento é fundamental articular as culturas, treinar habilidades antes não

desenvolvidas por meio de reciprocidade e equilíbrio; não somente eu devo me acostumar, mas o outro tem de se habituar comigo, de forma natural. Essa é uma relação de intercâmbio, que, em diferentes contextos contribui para a constituição das identidades". (ANATER, 2007, p. 141).

"Porém, a aproximação entre os indivíduos nas interações apaga essas marcas. O impacto é forte; o surdo passa a questionar-se (e ao outro) sobre a identidade daquele com o qual se relaciona não são apenas os elementos que impulsionam o *movimentar das mãos* os responsáveis por deixar transparecer os traços culturais do indivíduo, mas relação deste com a língua sinalizada e com os indivíduos à qual pertence". (ANATER, 2007, p. 143).

"Propusemo-nos a tecer algumas reflexões a partir do indivíduo não-surdo, da sua vivência como parte de um processo de tradução cultural, que se constitui nas relações de contato com a cultura surda e as identidades que a envolvem". (ANATER, 2007, p. 144).

Estudos surdos III

QUADROS, Ronice Müller de. Estudos Surdos III / (organizadora). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. Capítulo 7

Intérpretes de língua de sinais: uma política em construção. Mara Lúcia Masutti Silvana Aguiar dos Santos

"Mais se percebe que os intérpretes de Língua de Sinais são também intérpretes da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade surda, e apresentam suas particularidades, sua identidade, sua orbitalidade". (PERLIN, 2006, p.137 apud MASUTI e SANTOS. p. 150, 2008).

CULTURA

"Nas aproximações culturais e lingüísticas que os intérpretes de Língua de Sinais realizam, geralmente, ocorrem processos de desconstrução na forma de ver, pensar e sentir a diferença, possibilitada no contato com as comunidades surdas. Esse intervalo de desconstrução/tradução (que não apenas representa a passagem de uma língua para outra, e de uma cultura a outra) não é estável, livre de tensões, ao contrário, ele opera com a organização de diferentes processos do campo simbólico e imaginário, que trazem marcas inconscientes". (MASUTI e SANTOS, 2008, p.150).

"As demandas que surgem no processo de intermediação cultural entre surdos e ouvintes impõem a intérpretes uma preparação muito rápida para se adequar ao que dinamicamente vai surgindo". (MASUTI e SANTOS, 2008, p. 151).

"Se recuarmos no tempo veremos que durante o Iluminismo, segundo Delisle e Woodsworth (2003, p.258), a posição social dos intérpretes, também, se explica pela sua omissão nos anais da história, porque eram: "híbridos étnicos e culturais, muitas vezes do sexo feminino, escravos ou membros de uma 'subcasta' – cristãos, armênios, judeus que viviam na Índia britânica, por exemplo, (Roditi, 1982, p.6) -, esses intermediários não

recebiam nos registros históricos o tratamento que mereciam”. (MASUTI e SANTOS, 2008, p. 154).

"As pessoas que tinham contato com algum parente surdo assumiram o papel de “ponte” entre a comunidade surda e os ouvintes". (MASUTI e SANTOS, 2008 p.155).

"Pires e Nobre (2004) destacam que na Federação nacional de Educação e Integração dos Surdos há um departamento específico, denominado Departamento nacional de Intérpretes da FENEIS – DnIF-, responsável pelas questões referentes aos intérpretes de Libras. Entendemos que a participação e fortalecimento da FENEIS como uma instância política que se contrapõe às perspectivas logofonocêntricas é fundamental nesse processo de redefinição dos espaços das línguas, identidades e cultura". (MASUTI e SANTOS, 2008, p. 159).

“Concomitante a um olhar para as macro-estruturas que organizam políticas institucionais, torna-se necessário perceber os compassos marcados nos campos das singularidades dos intérpretes que marcam uma constituição particular de subjetivação, ou uma maneira própria de significar uma experiência, o que já coloca em discussão o conceito de fidelidade”. (MASUTI e SANTOS, 2008, p. 160).

"A pergunta pela representação que a própria língua oral assume para cada intérprete é fundamental; como o sujeito se relaciona com a própria língua interfere no campo de ação, mas também como ele se relaciona com a Língua de Sinais afetará significativamente na sua produção oral. no momento de verbalização da Língua de Sinais, os intérpretes podem sentir a estranheira, e as fronteiras estudos surdos como um desconforto". (MASUTI e SANTOS, 2008, p. 161-162).

“Ao lidar com a voz, comparecem às expectativas e os estereótipos em relação ao que significa falar bem, ser fluente na própria língua e na estrangeira. Emerge uma avaliação do intérprete a partir do que a sociedade convencionou como padrão da norma culta”. (MASUTI e SANTOS, 2008, p, 162).

O CORPO DO PROFISSIONAL

" Mesmo quando interpreta para o Português o que foi expresso em Língua de Sinais há uma sensação de que todos o reconhecerão, porque o seu corpo já foi exposto e todos sabem de quem se trata, o que torna o processo ainda mais tenso, frente ao imaginário constituído". (MASUTI e SANTOS, 2008, p. 161).

Estudo surdos III Capítulo 8 Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de letras libras Ronice Müller de Quadros Saulo Xavier Souza

Resultado

O texto não faz uma menção direta à importância de o tradutor ter conhecimento da cultura, contudo no texto fica implícita a necessidade de a tradução estar em consonância com a

cultura do público alvo, que são alunos surdos do Curso de Letras Libras Licenciatura da UFSC.

O CORPO DO TRADUTOR

No caso específico da tradução para a Língua de Sinais gravada em vídeo, o tempo presente é o tempo do corpo presente do sinalizante no momento da sinalização, independente de quando é assistida pelo leitor. (QUADROS e SOUZA, 2008, p.177)

O texto cita Novak, (2005) que faz referências ao corpo do sinalizante.

CULTURA

O texto fala sobre a importância do trabalho para a formação de um espaço intercultural concernente à produção de cultura e conhecimento acadêmico.

“[...] pretendemos considerar também a relevância da tradução para se construir espaços híbridos interculturais, pois, no caso desse curso, a Língua Brasileira de Sinais é a língua de instrução, embora ainda os textos-fonte estejam na versão escrita da Língua Portuguesa”. (QUADROS e SOUZA, 2008 p. 169).

Também faz menção à formação de professores que atuarão no ensino da língua que faz parte dos elementos culturais de um povo.

“Os professores formados nesse curso irão atuar na formação de professores em nível universitário, na formação de fonoaudiólogos e na formação básica de alunos surdos e ouvintes. Essa formação passará pela Língua de Sinais, que inclui aspectos sociais, culturais e políticos”. (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 171).

Outra menção à cultura é apresentada na citação de Novak que apresenta o corpo do tradutor como produtor do discurso, corpo esse que faz parte de uma comunidade cultural.

“O discurso está diretamente relacionado com o fato do corpo desse tradutor, portanto, ser *um corpo individual dentro de uma comunidade cultural, ideológica e lingüística específica* (Novak, 2005)”. (QUADROS e SOUZA, 2008, p.176).